

DEPOIMENTO

Em nome do desejo

João Silvério Trevisan

João Silvério Trevisan é paulista de Ribeirão Bonito, nascido em 1944. Além de romancista, é diretor e roteirista de cinema, tradutor, ensaísta, dramaturgo e jornalista, tendo sido um dos editores fundadores do jornal alternativo Lampião. EM NOME DO DESEJO foi publicado em 1ª edição em 1983 pela editora Codecri e em 2ª edição pela editora Max Limonad. O fato da editora não existir mais e o livro estar esgotado levaram-me a buscar um contato com o autor que não só nos acolheu com a maior delicadeza, mas autorizou a publicação deste capítulo que ora apresentamos. Vale a pena citar em que conjunto de capítulos esse se insere: intróito; Da Obediência e outros Mistérios; Da Rapsódia Húngara e Paixões Correlatas; Da Formosura de Deus; Da Carnalização do Céu e suas Nuances; Do Mistério da Santíssima Paixão; Dos Incertos Acordes de Rachmaninov; Do Desejo em Fúria; Do Choro e Ranger de Dentes; Missa Est.

É curioso saber que, neste momento (nov. 1993), o grupo de Teatro De Seraphim, de Recife, apresenta a peça em São Paulo, depois de tê-la mantido em cartaz por várias semanas no Rio de Janeiro. A adaptação foi feita pelo próprio autor, que acompanha emocionado e com carinho suas várias apresentações. A João Silvério agradecemos a autorização para essa publicação, bem como o resumo do livro e a foto da peça que ilustra o texto.

Da Obediência E Outros Mistérios

— **Digamos que se inicia aqui um mergulho radical ao fundo do coração. Há muitos mistérios guardados nesse poço?**

— Naquele tempo, o coração era exatamente uma colcha feita de puros mistérios. E os mistérios compunham um drama, porque dizia-se que Deus a tudo dirigia.

— **Como se descreve em Isaías 40,22-23?**

— Sim. Aquele Deus “que está sentado sobre o globo da terra, onde seus habitantes parecem gafanhotos; que desenrola os céus como uma lâmina e os estende como uma tenda para habitar; que reduz a nada os poderosos e converte em ninharia os que governam a terra.” Onipotente e Intransigente.

— **Todo drama se desenvolve num palco. Qual o palco daqueles tempos?**

— O mesmo local onde me encontro agora. Época: mais de vinte e cinco anos atrás, quase trinta. E parece ter sido ontem.

— **Quais eram os personagens desse drama já antigo?**

— Meninos e adolescentes, entre 10 e 15 anos de idade, totalizando no máximo umas sessenta cabeças que pensavam estar ali em atenção a um chamado de Deus para serem seus ministros e representantes.

— **Qualquer menino poderia ser ministro de Deus?**

— Sim, desde que eleito.

— **Como um menino sabia que era eleito?**

— Consultando o catecismo, que diria: quando sente que tem vocação; quando é amigo da oração; quando é puro e estudioso; e quando tem boa saúde. Mas isso não passava de letra morta no papel. Na prática, essas questões adquiriam nuances bem diversas. Muitos meninos eram vacinados por pressão familiar — fosse porque a mãe “tinha feito promessa de ter um filho padre”, fosse porque os estudos dos filhos vacinados saíam gráteis.

— **Que outras nuances práticas compunham a missão de representante de Deus?**

— Como, além de honrosa, era árdua a missão de representar a Deus na terra, esses meninos aprendiam duramente a interpretar o papel de Eleitos. Afinal, iriam suceder o próprio Deus que se tinha feito encarnar, sofrer e crucificar por amor aos homens. E amar aos homens era uma tarefa, além de difícil, perigosa — como se verá. Justamente por causa desses perigos, os eleitos dividiam-se



em Maiores e Menores, conforme a idade: dos 10 aos 13 anos, Menores; dos 13 em diante, Maiores. Os Menores eram mais numerosos. À medida que cresciam, os meninos declinavam do apelo divino — às vezes nada elegantemente: sendo expulsos, por exemplo, por mau comportamento. Daí um número mais reduzido de Maiores. O que se considerava normal: dentre os muitos chamados, poucos eram os escolhidos.

— **Como se chamava o local onde se preparavam os futuros representantes de Deus?**

— Chamava-se Seminário. Daí os eleitos, que atuavam nesse palco, serem chamados de seminaristas.

— **Supõe-se que todo drama deva ter um ou vários protagonistas. No caso, quem seriam eles?**

— Para não me adiantar demais, menciono inicialmente que o primeiro protagonista era um menino sensível e delicado, recém-incluído na turma dos Maiores, pois acabava de completar treze anos. Seu nome é, até hoje, João. Naquele tempo, chamavam-no às vezes de Joãozinho. Mas era mais conhecido como Tico-Tico, por causa do rosto cheio de sardas que lembravam o passarinho. De Tico-Tico, o nome variava para Tiquinho, por ser ele pequeno — um tiquinho de gente. Se não me falha a memória, tratava-se de um garoto tímido, corroído por uma paixão que abrangia incessantes objetos de amor e conduzido por uma honestidade em excesso que o tornava, muito frequentemente, vítima de escrúpulos morais e espirituais quase sem saída. Ia começar o terceiro ano ginasial e seu coração viveria, nesse ano, um bombardeio quase atômico de descobertas. Quanto ao segundo protagonista, chamava-se Abel

— Abel Rebel, nome certamente encantatório. Como entrará em cena atrasado, só vou me ocupar dele mais tarde. Por enquanto, basta dizer que Abel Rebel fora feito para não ser jamais esquecido. Daí porque seu significado extravasa os tijolos dos muros, vence a inflexibilidade do tempo e perfura as pedras do coração.

— **Qual o entrecho deste drama?**

— Entrecho parece algo fora de moda, hoje em dia. Mas, como se trata de lembranças antigas, não importa muito a última moda. Bastará portanto, confessar que há sim uma espécie de entrecho. Pior ainda: um entrecho de amor. Talvez eu seja salvo da acusação de nostálgico se acrescentar que o entrecho de amor é apenas um pretexto para falar de grandes paixões da carne e espírito, dessas que só ocorrem na adolescência — uma idade em que os humanos dão seus mergulhos mais radicais, porque entram em cena vestidos apenas com a frágil armadura de desejos tão vorazes quanto ingênuos. No caso, essas paixões adolescentes concentravam-se em doses ainda mais fortes por estarem contidas dentro de muros altos, de onde só se podia sair em ocasiões muito especiais; a realidade estava toda ali. A esses elementos propriamente físicos e fisiológicos, acrescenta-se um dado francamente místico: tratava-se de sessenta meninos encerrados dentro de muros também espirituais, onde se vivia primordialmente para Deus.

— **Foi dito que o drama se compunha de Mistérios. Que eram os mistérios?**

— Os mistérios eram coisas para além da imaginação dos eleitos, e superiores à sua razão. Tratava-se de coisas às vezes

aterradoras, às vezes lindas; mas sempre inexplicáveis. Por isso exigiam a fé, que devia ser cega. A palavra mistério, antes de tudo, brilhava quando se pensava nela; feito varinha de condão: tocou, virou mistério. Naquele tempo, havia mistério em todos os lugares do Seminário: na capela (onde Deus, que devia ser incomensurável, habitava misteriosamente uma caixinha chamada sacrário) e no dormitório (onde o mistério se encontrava debaixo de cada lençol e de cada pijama, talvez em forma de pecado), mas também no refeitório, no salão de estudos (pois era um mistério conseguir estudar depois do almoço ou prestar atenção às palestras do Reitor) e nas salas de aula (onde havia os mistérios indecifráveis da matemática e certos mistérios nas conjugações irregulares dos verbos latinos). Mistérios eram igualmente as ordens que os Superiores davam e não podiam ser discutidas, sob pena de se perder a fé — e a fé estava cheia de verdades misteriosas, só conhecidas e reveladas por Deus.

— Mas quem era Deus? Como entender, por exemplo, que um mesmo Deus podia ser representado por Superiores tão diferentes? Como amar a Deus sobre todas as coisas sem saber sequer onde estava Deus?

— Isso tudo, e muito mais, só a fé explicava, de modo que a própria fé consistia em puro mistério. Mas havia mistérios também no coração dos meninos e rapazinhos, que iam explicando como podiam as coisas novas e complicadas que descobriam. O caso mais alarmante de mistério era amar o próximo sobre todas as coisas sem ficar apaixonado por ele nem poder passar o dia inteiro com ele, brincando nos recreios e estudando no salão de estudos e até dormindo na mesma cama, sempre ao lado dele, justamente porque ele era amado o tempo todo e acima de todas as coisas, conforme Jesus tinha dito — “que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei”.

— Que tipos de mistérios havia com o próximo?

— Havia mistérios gozozos, doloros, e gloriosos. Os gozozos era quando se conseguia ficar um pouco junto do próximo muito amado sem que ninguém notasse nem criticasse o teor da paixão; era um mistério gozozo, também, andar ao lado dele no campo de futebol, depois do jantar, sentindo sua presença cheirosa e espiando, com o rabo do olho, seu jeito lindo de andar e rezar o terço; ou ficar esperando a hora de ficar com ele no campo de futebol, durante a recitação do terço. Os mistérios dolorosos eram chatos, ruins: quando se sentia saudades demais e não havia consolo possível, nem que se fechassem os olhos para imaginar o amado chegando; ou quando não se sabia ao certo se o amor ao próximo era correspondido pelo próximo tão imensamente amado; mas o mistério mais doloroso de todos era amar o próximo com toda a alma e, por causa disso, cometer pecado contra a castidade — como: pensar no próximo pelado ou pegar na mão do próximo disfarçadamente ou, já enlouquecido de amor, apalpar o pinto do próximo amadíssimo, durante uma projeção de filme; aí o mistério ficava perigosíssimo e podia provocar até a expulsão do Seminário, além naturalmente de acarretar um pecado dos mais mortais.

— E os mistérios gloriosos?

— Ah, esses infelizmente aconteciam muito pouco. Era quando um menino amava o próximo como a si mesmo e o próximo também o amava como si mesmo, e podiam guardar o segredo ente si, com toda confiança, e amar-se incansavelmente, sem medo. Então se tinha a impressão de estar subindo ao Céu para ser coroado sobre todos os anjos e santos. Só nesses momentos o mistério parecia se desvanecer um pouquinho, e dava para entender por que se sofria tanto quando se amava conforme o mandamento de Cristo.

— Isso significa que a carreira de eleito exigia muito esforço?

— Sim. Os eleitos deviam ser preparados a ferro e fogo. Para meninos recém-chegados da infância, tratava-se de um tempo de provações onde a regra suprema era obedecer. Aos Superiores, ao regulamento, aos horários. A autoridade dos Superiores expressava-se, por exemplo, no direito de ler todas as cartas recebidas pelos seminaristas e, eventualmente, efetuar censuras antes de entregá-las a seus destinatários; liam, igualmente, os livros recebidos de fora e davam o visto, permitindo sua leitura para Maiores ou Menores; não raro, proibiam certas obras que os próprios parentes enviavam às crianças, por perigosas ou demasiado mundanas. Mesmo na pequena biblioteca do Seminário havia livros contraindicados para certas idades (o Antigo Testamento, por exemplo) e outros inteiramente proibidos, que ficavam trancados num armário conhecido como Infeminho, cuja leitura só era permitida aos Superiores e professores. Alguns livros que ostentavam sua flamejante lombada no Infeminho: Confiteor, os Miseráveis, foi assim que matei meu filho. O outro caminho, Olhai os lírios do campo, Florados na serra, O homem esse desconhecido. O Regulamento aludia expressamente à natureza e necessidade dessas proibições, para preservar a pureza de espírito dos futuros ministros do Senhor.

— E os horários, como deveriam ser observados?

— Havia três sinais: os dois primeiros, através de uma sineta, colocavam de sobreaviso para o terceiro, que era dado com um apito agudo, ao som do qual todos acorriam para formar a fila. Passavam-se cinco minutos entre um sinal e outro. O Regulamento previa castigo a quem chegasse atrasado na fila.

— Como era a vida quotidiana desses eleitos, em termos de horário?

— Mais ou menos assim: levantavam-se às 5 e meia, durante a semana (uma hora mais tarde, nos domingos). Às 6 horas, iam todos para a capela, onde rezava-se a oração da manhã, depois fazia-se meditação coletiva, seguida de missa de uma pequena ação de graças. Às 7 e meia, desjejum no refeitório — café com leite, pão com manteiga. Às 8 horas, início das aulas, que duravam até às 11:55, com um intervalo de dez minutos às 9:50 para um lanche rápido no recreio (pão e banana). Ao meio-dia, almoço, seguido de breve Visita ao Santíssimo, na capela. Às 12:30 começavam os trabalhos comunitários obrigatórios: limpeza da casa, do chiqueiro e galinheiro; plantio, capina e colheita na horta; e consertos de material esportivo. Às 13:30, primeiro horário de estudo, que era obrigatório. Às 14:30, recreio para lanche rápido (pão ou bolo, também chamado de bolota, em alusão à sua massa quase crua). Às 15 horas, um grupo ia alternadamente para o estudo-obrigatório mais longo, enquanto o outro ia jogar futebol; às segundas, quartas e sextas, eram os Maiores que jogavam; às terças, quintas e sábados, os Menores; somente ao domingos havia futebol para os dois grupos, em horários diferentes; os que não gostavam de futebol podiam jogar um arremedo de tênis ou vôlei — este, predilte do grupo de mariquinhas e, portanto, tido como esporte menor. Às 17:30, jantava-se e se rezava o Angelus, coletivamente, no próprio refeitório. Às 18 horas, recreio obrigatório; duas vezes por semana havia brincadeiras também obrigatórias, separadamente para Maiores e Menores; aí acontecia o famoso “jogo do garrafão”, terror dos fracos e oprimidos. Às 19 horas, extenuados pelo jogo, os alunos, rezavam o terço em grupos ou não; somente ao sábados é que o terço era rezado rigorosamente em latim, com toda a comunidade caminhando pelo pátio, em quatro filas paralelas, para frente e para trás, numa coreografia que, dentro do contexto, bem se poderia chamar de sagrada: Pater Noster para frente, Ave Maria gratia plena para trás, depois para frente, depois

para trás e frente e trás, até terminar a dezena e chegar ao Pater Noster seguinte, que iniciava outra dezena de Ave Maria; eram já sonolentos os números, movimentos e vozes, cujo latim fazia remontar a distantes, indeterminadas épocas da cristandade. Às 19:30 subia-se novamente para um período de estudo-obrigatório. Às 20:30, a comunidade dirigia-se à capela, onde se rezava a oração da noite; logo a seguir, tomava-se chá no próprio corredor e entrava-se para os lavatórios, onde se dispunha de dez minutos para as abluções noturnas. Às 21 horas, as luzes se apagavam impreterivelmente e dormia-se. Para os Maiores, entretanto, havia um horário opcional de estudo até as 22 horas, já de pijama.

— E quanto a atividades extras, o que determinava o Regulamento?

— O Regulamento previa passeios quinzenais, com caminhada até à praia mais próxima. Uma vez por mês, havia um passeio especial a fazendas, campos e montanhas mais distantes, que eram grandes acontecimentos para toda a comunidade. Quanto às visitas de pais e parentes, o Regulamento determinava que, exceto em casos excepcionais, seriam aceitas exclusivamente no segundo domingo de cada mês. Estava aí, sem dúvida, uma das coisas tristes do Regulamento; com extrema frequência, os seminaristas deixavam de receber visitas que, desconhecendo as normas, chegavam em domingos errados. O remédio então era chorar de saudade, dentro do banheiro, abraçando algum pacote que os familiares tinham deixado, sem poder entregar pessoalmente. Chorava-se de saudade mas também de raiva. Deus parecia um carrasco.

— O Regulamento previa tudo?

— Quase tudo. Pelo Regulamento — um livrinho entregue a cada novato, no primeiro dia de Seminário — era proibido Maiores conversarem com Menores, exceto em algumas poucas ocasiões; durante o trabalho comunitário das 12:30 e no fim do recreio obrigatório da noite, quando se podia rezar o terço a sós, em grupo ou a dois, sempre andando pelo campo de futebol. Além de terem dormitório e salão de estudos separados, Maiores e Menores ocupavam espaços diferentes tanto no recreio quanto no refeitório; claro que era proibido a um Menor entrar no dormitório dos Maiores, ou vice-versa. Era proibido conversar em qualquer dependência da casa, fora dos horários de recreio; o silêncio obrigatório só terminava depois que se chegava ao pátio externo e se respondia “Deo gratias” ao “Deo gratias” do Prefeito de Disciplina. Era proibido conversar em qualquer lugar, após o recreio das 7 da noite. Era proibido entrar no dormitório, refeitório ou salões de estudo, fora dos horários previstos. Era proibido conversar durante as refeições, exceto aos domingos e feriados no almoço e no jantar havia, regularmente, leitura de livros de aventuras ou vidas de santos; antes de terminar o jantar, lia-se diariamente o Martirólogo Romano, para assinalar os santos do dia e anunciar seus sofrimentos e virtudes. Era rigorosamente proibido conversar na capela, diante do Santíssimo. Era proibidíssimo atravessar os portões do Seminário e entrar no “mundo”: além das férias, só se podia sair em ocasiões especiais: nos passeios comunitários, nas procissões do Tempo das Rogações, nas idas ao médico ou missas solenes na cidade. Era ainda mais proibido ter amizades particulares e brincar-de-mão durante os recreios; se lhe perguntassem por que, o Reitor responderia enigmaticamente: “Non clericat” — não convém aos cléricos nem, portanto, aos seminaristas, por questões de castidade; ao que o professor de grego se apressaria em acrescentar: “Soma sema”, querendo dizer com isso que o corpo é um túmulo.

— Nessa escalada para a perfeição, buscava-se a morte de todo pecado?

— Buscava-se à morte de todo pecado. E o corpo era seu túmulo.

— De quantas maneiras se pecava, naqueles tempos?

— De muitas. Na verdade, de infinitas maneiras. Pecava-se por preguiça, por inveja, por gula, por concupiscência, por luxúria, por orgulho, por vaidade, por impureza, por blasfêmia, por murmurar contra o próximo, por omissão, por pensamentos, palavras e obras, venialmente ou mortalmente. Para combater o pecado e fortalecer a virtude, usava-se a arma do Regulamento e da disciplina. Portanto, fica explicado por que era obrigatório o uso do paletó, exceto nos recreios. Andar em fila também era obrigatório, quando se ia comunitariamente de um lugar para outro: duas filas indianas, com dois metros de distância uma da outra, observando-se meio metro de distância uma da outra, observando-se meio metro de distância entre um aluno e outro; os Menores iam na frente, os Maiores atrás. Recomendava-se rezar o terço enquanto se andava nas filas, porque isso melhorava a nota de comportamento.

— O que mereciam os pecadores ou faltosos?

— Punições. Pelo catecismo, logo após a Morte seguia-se o Juízo Particular, pois o Universal só ocorria no Final dos Tempos. Conforme o julgamento, havia o Céu ou o Inferno, por toda a eternidade. Mas antes da Morte, já havia, ali mesmo no Seminário, muitas punições, que ainda não eram eternas mas nem por isso menos chatas. Sair fora da fila dava castigo, chutar pedrinha enquanto se andava na fila dava castigo, assim como cochichar com o vizinho da frente ou detrás. Castigava-se com a “parede”, com suspensões, com retiros obrigatórios, com a incomunicabilidade e, em casos graves ou reincidências, com a expulsão.

— Podia-se falar, nesse caso, em queda bíblica?

— Sim, porque ser expulso significava uma espécie de pecado original temido como a morte ou condenação ao inferno. O expulso do Paraíso ficava isolado e incomunicável, enquanto seus pais não o viessem buscar. Comia depois da comunidade, sentava-se à parte, na capela, e não mais participava dos recreios. Desse momento em diante, ele passava a merecer o desonroso epíteto de “ex-seminarista”. E era atirado ao “Mundo”.

— Havia muitos casos de expulsão?

— Muitos. Pelas mais diversas razões. Um menino dos Maiores foi expulso por beber meia garrafa de vinho de missa, quando cumpria o cargo de sacristão. Outro, porque fumava escondido. Outro, porque estava lendo Os Miseráveis. Dois foram expulsos por trocarem um beijo, na rouparia. Vários por manterem insistentes amizades particulares. E houve a célebre Inquisição dos Doze, que durou dez dias e resultou na expulsão de doze meninos — por gravíssimo delito coletivo contra a santa castidade.

— Como eram os demais castigos antes do Juízo de Deus?

— Antes do Juízo Particular de Deus, havia o corriqueiro castigo da “parede”: os meninos que conversassem fora de hora, que saíssem da fila, que reclamassem da comida ou se atrasassem nos horários deviam ficar encostados numa parede qualquer durante o recreio, proibidos de brincar e falar com os colegas. Rigorosamente em pé — olhando de longe o mundo da normalidade. A duração da “parede” dependia da falta cometida: uma hora, duas horas, ou dois recreios de duas horas, em dias sucessivos. No caso de reincidência ou não-observância estrita do castigo (por exemplo, conversar durante o período em que se estava na parede), podia-se ficar incomunicável por vários dias o que significava baixíssima nota de comportamento, ou seja, sinal vermelho para uma expulsão. Outro castigo era “ficar em retiro”, que se

diferenciava da parede porque devia-se permanecer na capela, rezando e lendo vidas de santos, evidentemente em silêncio. O castigo do retiro era aplicado em ocasiões especiais: dia de passeio comunitário, por exemplo, ou em noite de projeção de filme (que acontecia uma vez por mês). É bem verdade que esse castigo acabava tendo saídas compensatórias, principalmente quando havia muitos punidos e os prefeitos de disciplina ou os Superiores ficavam assistindo ao filme. A capela tornava-se então um delicioso recreio onde os condenados conversavam, riam e andavam à vontade, chegando mesmo a invadir a sacristia para comer hóstia ou a subir no coro para tocar órgão. Quando havia alguns gaiatos entre os punidos, ocorriam verdadeiros sessões de teatro na capela, com arremedos de missa fúnebre (geralmente pela alma de algum Prefeito de Disciplina especialmente detestado) e imitações caricatas dos Superiores. Como Deus via tudo, fora ou dentro da capela, esses meninos não hesitavam em farrear diante de sua presença mais óbvia. Partiam do pressuposto de que aí podiam desobedecer à vontade o Regulamento, pois a penitência neutralizava na origem os pecados cometidos durante o estado penitencial. Isso prova, quando menos, que eles conheciam os rudimentos da Doutrina Cristã.

— Como era a tal Nota de Comportamento?

— Havia nota de comportamento (semanal) e nota de aplicação nos estudos (mensal). Uma vez por semana. Maiores e Menores reuniam-se nos respectivos salões de estudo para ouvir as notas de comportamento, lidas em voz alta pelos Prefeitos de Disciplina. Exemplos de infrações mais corriqueiras que contavam para baixar a nota: bater tampa de carteira no salão de estudos, tocar no outro, andar fora da fila, falar fora de hora. Abaixo da nota 8 já se aplicavam castigos, geralmente meio-dia de incomunicabilidade no salão de estudos. O castigo aumentava à medida que a nota diminuía. Abaixo de 3, a incomunicabilidade devia ser cumprida na "parede". Havia alunos que, por acrescentarem à nota baixa um grande número de faltas posteriores, passavam semanas proibidos de conversar. Evidentemente, o castigo devia ser cumprido à risca, senão dobrava o tempo de incomunicabilidade. Como no caso de um rapaz chamado Foguinho, que acabou ficando um mês e meio de bico calado. Justamente porque tinha a mania de conversar com seu vizinho de cama. Coisa gravíssima.

— E que tanto falava ele, por entre os lençóis?

— Nunca se soube. De qualquer modo, Foguinho foi um dos doze julgados e expulsos na tal Inquirição.

— O que eram os Prefeitos de Disciplina?

— Cuidavam para que o regulamento fosse estritamente observado. Também determinavam e faziam cumprir os castigos menores. Em caso de castigos graves, buscavam o conselho e aval do Reitor. Eram em número de quatro: dois para os Maiores e dois para os Menores. A cada seis meses, o Reitor nomeava novos titulares para o cargo, escolhidos, evidentemente, dentre aqueles de sua total confiança. Mesmo pertencendo sempre ao grupo dos Maiores, os Prefeitos dos Menores viviam com os Menores, dormindo em seu dormitório e estudando em seu salão. Os Prefeitos eram investidos da mesma autoridade dos Padres Superiores, como seus legítimos representantes. Um exemplo: para se sair do recreio obrigatório da noite, devia-se pedir licença a um dos Prefeitos; era necessário pedir licença até mesmo para se ir à capela fazer Visitas ao Santíssimo espontâneas (que, por sua espontaneidade, tinham reputação de melhorar as notas de comportamento). Essa posição de mando tornava os prefeitos especialmente temidos. Mesmo porque tiravam proveito dela para proteger seus amigos e "peixinhos" (prediletos) pois era raro o Prefeito que não arranjasse pelo

menos um "peixinho", de preferência entre os Menores, em cujo espaço gozavam de livre-trânsito. Havia também aqueles que os Prefeitos perseguiram mais, por inimizade ou antipatia natural. Em todo caso, os Menores novatos e os mariquinhas em geral sofriam particularmente em suas mãos porque, para os Prefeitos adolescentes, era muito fácil comportarem-se como autênticas autoridades diante dos recém-chegados que conheciam mal o Regulamento ou daqueles meninos de aparência demasiado delicada.

— O que era um novato?

— Novato era aquele que acabava de chegar de fora e não sabia nada das regras locais, merecendo por isso o desprezo geral. Além do mais, no novato era geralmente um molequinho chorão: abria a boca por qualquer coisa e chamava a mãe. Ou então chorava escondido no banheiro, com saudade de casa. Os recém-chegados permaneciam na categoria de novatos por um ano e exigiam muita paciência do "anjo". Anjo era aquele seminarista encarregado de receber um novato e ensinar-lhe tudo: desde como se ajoelhar na capela e cortar uma banana na sobremesa até os pontos principais do Regulamento. Cada novato tinha um anjo e passava a ser seu "pupilo". Havia anjos bons e anjos ruins. Os bons ficavam amigos dos pupilos — mais eram poucos. Os ruins se aproveitavam para comer os doces que o pupilo recebia, para ameaçar com represálias inventadas, para botar medo a respeito de tudo ("aqui a comida tem salitre, então quem come demais vira fresco") e para zombar dele quando fazia coisas erradas, chamando de "sapinho burro" e espalhando a notícia da gafe. Novato era o mesmo que "sapinho" porque ainda não vivia dentro da água mas já tinha saído da terra. Os sapinhos eram chatos. Quando chegavam numa rodinha, a rodinha se desfazia num instante: ninguém podia ter confiança num molequinho mal saído da casca do ovo. O sapinho devia sofrer sem reclamar, já que no ano seguinte ele também poderia tratar mal e desprezar sapinhos futuros. Ser sapinho significava um rito de iniciação, onde se sofria uma espécie de circuncisão interior — certas marca perene impressa no ponto central do coração. Era o começo de uma bruta dor: deixar o colo quentinho da mãe para cair num mundo de desconhecidos que fustigavam como canibais.

— Que outras coisa fazia o prefeito de Disciplina, além de controlar a comunidade e perseguir os sapinhos?

— Um dos prefeitos costumava acumular o posto de Aponentador de Offícios, o que aumentava sensivelmente seu prestígio, porque era ele quem distribuía os cargos comunitários, utilizando-os como prêmio ou punição. Cargos considerados melhores: encarregado da bolaria (onde se guardavam materiais esportivos), serventes de refeitório (comia-se bem e muito) e bibliotecário (que tinha acesso ao Inferninho). Cargos considerados ruins: limpador de lavatórios e da casa em geral, encarregado da roupa suja, acólito das missas, sacristão (chefe e auxiliar). Exceto os cargos de bedel (responsável por uma sala de aulas) e de enfermeiro, que vigoravam por um semestre, todos os demais eram renovados semanalmente, circunstância que permitia aos prefeitos manipular a vida comunitária.

— Que outros personagens, secundários ou não, faziam parte desse drama onde se fala da vida e paixões dos eleitos?

— Nesse drama entravam muitos personagens de importância secundária. Às vezes, eram mesmo personagens de bastidores, como as lavadeiras que vinham semanalmente entregar sua trouxa de roupa limpa e apanhar a roupa suja dos padres e seminaristas, sem nunca ultrapassar a sala de visitas. Também só eram vistas nos bastidores as freiras que viviam nos fundos do Seminário e cuidavam da cozinha. Entravam em cena os professores — padres e

leigos — que chegavam todas as manhãs da cidade, especialmente para as aulas, trazidos e depois devolvidos por uma kombi. Os padres professores eram párocos ou coadjvantes em paróquias da cidade e viviam sempre atarefados. Talvez por isso suas aulas não primavam pelo brilho. Em todo caso, o Seminário tinha poucos professores e apenas quatro classes uma para cada série do período ginásial. Exceto um ou outro mais afoito, os professores não se envolviam mais profundamente com a vida dos seminaristas. Eram tirados de cena, como por encanto, logo que as aulas acabavam. Havia também o velho padre Confessor, que a cada quinze dias vinha ouvir os pecados especiais dos seminaristas, e depois recolhia-se à sua paróquia na cidade, inclusive para digerir o que ouvira.

— Mencionou-se o terror despertado por certos jogos. Como era o tal jogo do garrafão?

— O jogo do garrafão era uma coisa pra esquentar. Como despedida noturna de um dia atarefado. E para enrijecer os músculos, incentivar o espírito de emulação e ativar a capacidade de resistência. No jogo do garrafão, quem podia descarregava agressividades acumuladas durante o dia ou a semana. Quem não podia recebia a agressividade dos demais e, no máximo, chorava, porque reclamar era proibido — “homem de verdade tem que apanhar calado”. Outros pensavam, consolando-se (porque só durava meia hora): jogo é jogo. Mas nesse, jogo era também guerra. Para formar homens rijos ou, como se dizia, homens de fibra. De modo que, no jogo do garrafão, havia aqueles que sofriam verdadeiras dores cristãs, apanhando do Getsêmani até o Calvário. Carregava-se uma cruz, quando se era mais fraco. Lá pelas tantas, a dor e a humilhação pesavam tanto que a ausência da mãe era lamentada amplamente, mais ou menos assim: Mãe, mãe, por que me abandonaste? Aí, olhava-se para o Céu, à procura de socorro ou alívio da parte de quem tinha criado toda essa desgraça, ou então gritava-se por Jesus que morrera por nós, ou então ansiava-se para que o próximo fosse complacente no seu desamor. Muitos pensavam sofrer em nome de Deus. Mas Deus não ia aceitar um sacrifício tão besta, tão gratuito como esse. Em resumo, o jogo do garrafão era brabo como o Juízo Final. Aí de quem não soubesse fugir dos demônios. Seria levado não para as fogueiras eternas mas para um corredor polonês de lambadas por todos os lados, e em toda extensão da carne, enquanto não conseguisse entrar pela boca do garrafão adentro.

— Como era esse Calvário concreto, esse Getsêmani revivido?

— Assim: duas vezes por semana, após o jantar, desenhava-se um enorme círculo no chão do campo de futebol e completava-se o círculo com um gargalo estreito. Elegia-se um pegador. O resto dos jogadores ficava dentro do círculo, só o pegador fora. Após a contagem, começava o jogo propriamente: todos tinham que abandonar o garrafão e procuravam fugir do pegador, que escolhia alguém para pegar. Como os toques de mão eram proibidos, todos os jogadores carregavam na mão um lenço com nó na ponta. Quando encurralava alguém, o pegador dava-lhe uma lambada de lenço. Esse era o grito de uma guerra de todos contra um. Então, os jogadores em bloco caíam sobre a vítima, com lambadas de nó, e o jogo se tornava duro de verdade. A ordem era tentar impedir que a vítima entrasse no garrafão — o que só se permitia pelo estreito gargalo — prolongando o mais possível a surra coletiva. Para vítima, dor e derrota se misturavam de maneira multiplicada. Era muito pior quando o pegador apanhava uma vítima longe do garrafão; então as lambadas gerais começavam lá longe e prosseguiam por todo o percurso de volta — uma Via Sacra em estado de desespero, como se podia comprovar pelo rosto contorcido e pelos gemidos desafinados e pelo pranto incontrolável daquele que apanhava, sofria e se mijava de medo. O mais divertido era tentar

impedir que a vítima entrasse no garrafão. Enquanto isso, outros já formavam um corredor polonês do lado externo do gargalo. Quando finalmente conseguia entrar, a vítima tomava uma surra de lambadas de variados quilates de agressividade. Havia gritos em todos os tons, risos, chacotas e xingos disfarçados (um xingo era falta grave: um xingo grave talvez motivasse uma expulsão). Como não se podia xingar de “fresco” e “filho-da-puta”, ecoava em coro a saudação ritmada: ma-ri-qui-nha, ma-ri-qui-nha. A seguir, o jogo recomeçava, com outro pegador e novas energias. Alguns pormenores elucidativos: o pegador sempre elegia uma vítima fácil; o pegador nunca perseguia seus amigos e peixinhos; o pegador cultivava requintes, tais como mergulhar o nó do lenço em cola e deixar secar — no que era seguido pela maioria dos jogadores, pois ali todos se sentiam potencialmente mais pegadores do que vítimas; as vítimas eram quase sempre as mesmas; eram sempre as mesmas vítimas, portanto, que tomavam surra de nós com cola dura, o que equivalia a uma saraivada de pedras a açoitar o corpo. Alguém podia ter muita sorte e ser salvo, no meio da surra, pelo toque da sineta. Então o jogo do garrafão interrompia-se imediatamente. Os mais fortes riam satisfeitos, descontraídos, refeitos, sacudindo o pó e o suor. Os mais fracos corriam para o lavatório. Apressadamente lavavam os sinais de surra que pudessem sair com água e sabão. Porque havia outros que demoravam semanas para sair e, às vezes, precisavam de cuidados especiais do enfermeiro. Eram marcas da derrota que ficavam grudadas nalguma parte das costas ou num braço ou no rosto e os tentavam a humilhação de se ter sido o mais fraco de todos. Apressadamente, os meninos se lavavam e choravam as três lágrimas mais urgentes, antes de correr para a fila e prosseguir em busca da perfeição. Enquanto andavam na fila, rezando baixinho o terço, pensavam às vezes na adúltera do Evangelho, aquela apedrejada por seu pecado, e que Jesus acabava salvando. Quem sabe da próxima vez Jesus seria misericordioso? Em todo caso, as vítimas aguardavam com antecipado terror as noites em que haveria garrafão.

Os mais mansos incuiam as marcas do jogo em seus Ramalhetes Espirituais, que depois mandavam para casa, no aniversário da mãe (por exemplo), detrás de santinho onde escreviam mais ou menos assim: “À querida mamãe, este ramallete Espiritual em sua intenção contendo 30 jaculatórias, 10 terços, 35 Visitas ao Santíssimo, 30 missas e 150 sacrifícios.”

— E Tiquinho, onde ficava?

— Na turma dos humilhados, cujos pesadelos compartilha-va. Graças à sua fragilidade durante o jogo do garrafão, viveria um episódio absolutamente deflagrador — como se verá mais adiante.

— Qual o resultado geral desses jogos de treinamento na virilidade e na dor?

— Fiasco e frustração, em última análise. Os mais fracos continuavam mais fracos. Os mariquinhas, cada vez mais maricas. Quanto aos fortes, tinham sua força redobrada.

— Mencionou-se que o “mundo” apresentava muitos perigos. Como ficava, então, a questão das férias?

— Tentava-se manter o Regulamento atuante, ao menos minimamente. Antes de partir para as férias (de julho, ou de janeiro a fevereiro), os seminaristas ouviam uma longa palestra onde o velho Reitor detalhava o comportamento ideal de um eleito, durante o período de férias: ir à missa todas as manhãs, rezar terço na igreja todas as noites, estar sempre à disposição do vigário, não frequentar o cinema nem ler livros sem antes pedir permissão ao vigário, obedecer ao pais, dar bom exemplos aos irmãos. E sobretudo evitar os caminhos que levassem à impureza. Nesse ponto, ele repetia sempre as mesmas palavras: “Lembre-se que, segundo

os Evangelhos, a Virgem Maria entrou em casa de Zacarias e saudou sua prima Isabel, mas não seu primo. É melhor ficar entre os iguais. Quando forem visitar os parentes, fiquem com os primos e afatem-se das primas para evitar as tentações da carne”.

— **Teria o velho Reitor sofrido violenta paixão por alguma prima, em sua juventude?**

— É possível que a paixão tivesse sido arrastadora o bastante para ficar eternamente em sua lembrança. Em todo caso, na volta das férias, os seminaristas deviam trazer um atestado de bom comportamento assinado pelo vigário. É bem verdade que a maioria dos vigários tinha coisas mais importantes a fazer do que vigiar seminaristas em férias. E assinavam os atestados do mesmo modo como rezavam suas missas e faziam batizados: bocejando; antes de tudo, o “perigoso mundo” era seu habitat natural e não apresen-

tava nada de novo — tarefas repetidas, pecadilhos quotidianos e muita cerveja nos bares, para quebrar o tédio inevitável. Ao voltar para o Seminário, os jovens eleitos encontravam outra vez a realidade evangélica resguardada, em toda sua pureza, dentro daqueles muros. Os Superiores, o velho Deus inflexível e os vigários não passavam de anjos ameaçados de decadência. Como Cristo, o eleito precisava então preparar-se para resistir, antes de sair pregando a Boa-Nova entre os infieis.

— **Era por isso que, logo após as férias, fazia-se um rigoroso retiro de três dias, em silêncio?**

— Sim, para descontaminar a alma. De modo que se reiniciava assim o reinado da disciplina a ferro e fogo, em busca da Perfeição Cristã.